

CONSTRUINDO RELAÇÃO ENTRE A MODERNIDADE LÍQUIDA DE BAUMAN E PROJETO DE VIDA

ESTABLISHING A RELATIONSHIP BETWEEN BAUMAN'S LIQUID MODERNITY AND LIFE PROJECTS

CONSTRUYENDO UNA RELACIÓN ENTRE LA MODERNIDAD LÍQUIDA DE BAUMAN Y EL PROYECTO DE VIDA

Márcia Muricí Redivo Barbosa¹

Marcela Muricí Redivo²

Jair Miranda de Paiva³

RESUMO: Este artigo analisa as aproximações entre o conceito de modernidade líquida, desenvolvido por Bauman, e o componente curricular Projeto de Vida, considerando os desafios da formação das juventudes na contemporaneidade. A análise parte da compreensão de que as constantes transformações sociais, influenciam diretamente a constituição das identidades juvenis, suas formas de projetar o futuro e estabelecer relações com o mundo. Fundamentado na perspectiva de Bauman, o estudo discute como a liquidez das relações e a instabilidade das estruturas sociais repercutem no contexto educacional e desafiam a escola a repensar suas práticas formativas. Nesse cenário, o Projeto de Vida é compreendido como um componente curricular que busca promover o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da capacidade de elaboração de perspectivas de futuro, sem desconsiderar as incertezas que caracterizam a modernidade líquida, porém, sem desconsiderar que projetar o futuro num momento de incertezas é algo desafiador. Propõe-se uma reflexão sobre o papel da educação na formação humana, defendendo a necessidade de práticas pedagógicas fundamentadas em princípios éticos e comprometidas com a compreensão da realidade vivida dos estudantes. Conclui-se que compreender as transformações da sociedade constitui condição indispensável para ressignificar o Projeto de Vida como instrumento de formação crítica e cidadã.

1

Palavras-chave: Bauman. Jovem. Projeto de Vida. Educação. Modernidade.

ABSTRACT: This article analyzes the connections between the concept of liquid modernity, developed by Bauman, and the "Life Project" (*Projeto de Vida*) curricular component, considering the challenges of youth development in contemporary times. The analysis is based on the understanding that constant social transformations directly influence the formation of youth identities, as well as how young people envision the future and relate to the world. Grounded in Bauman's perspective, the study discusses how the fluidity of relationships and the instability of social structures impact the educational context, challenging schools to rethink their educational practices. In this scenario, the Life Project is understood as a curricular component that seeks to foster autonomy, creativity, and the ability to formulate future perspectives—acknowledging the uncertainties characterizing liquid modernity while recognizing the challenges inherent in planning for the future during such uncertain times. The article proposes a reflection on the role of education in human development, advocating for pedagogical practices rooted in ethical principles and committed to understanding the students' lived realities. It concludes that understanding societal transformations is essential for redefining the Life Project as a tool for fostering critical thinking and citizenship.

Keywords: Bauman. Youth. Life Project. Education. Modernity.

¹Supervisora Escolar da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU), mestre pelo programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES).

²Professora de Língua Portuguesa na educação básica da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU) e mestranda do programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES).

³Professor Doutor do programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES).

RESUMEN: Este artículo analiza las conexiones entre el concepto de modernidad líquida de Bauman y el componente curricular del Proyecto de Vida, considerando los desafíos de la educación juvenil en la actualidad. El análisis parte de la comprensión de que las constantes transformaciones sociales influyen directamente en la formación de las identidades juveniles, sus maneras de proyectar el futuro y el establecimiento de relaciones con el mundo. Desde la perspectiva de Bauman, el estudio aborda cómo la fluidez de las relaciones y la inestabilidad de las estructuras sociales impactan el contexto educativo y desafían a las escuelas a repensar sus prácticas formativas. En este escenario, el Proyecto de Vida se entiende como un componente curricular que busca promover el desarrollo de la autonomía, la creatividad y la capacidad de elaborar perspectivas de futuro, sin ignorar las incertidumbres que caracterizan la modernidad líquida, pero también sin ignorar que proyectar el futuro en tiempos de incertidumbre es un desafío. Se propone una reflexión sobre el papel de la educación en la formación humana, defendiendo la necesidad de prácticas pedagógicas fundamentadas en principios éticos y comprometidas con la comprensión de la realidad vivida por los estudiantes. Se concluye que comprender las transformaciones de la sociedad es una condición indispensable para resignificar el Proyecto de Vida como instrumento de educación crítica y cívica.

Palabras clave: Bauman. Juventud. Proyecto de Vida. Educación. Modernidad.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar a relação entre o conceito do componente curricular Projeto de Vida e o entendimento da modernidade líquida proposto por Zygmunt Bauman ao considerar as transformações da sociedade moderna. A partir da conexão entre esses dois eixos de discussão, buscamos compreender de que maneira a concepção de Projeto de Vida se aproxima ou se distancia das características da modernidade líquida. Defendemos que a sociedade fluida descrita por Bauman está diretamente relacionada à constituição das juventudes contemporâneas, às suas particularidades e ao processo de transformação das estruturas que, em outros momentos históricos, se apresentavam como sólidas.

Vivemos em uma sociedade marcada por profundas e constantes transformações que afetam as formas de viver, de se relacionar, de produzir conhecimentos e de projetar o futuro. Na perspectiva de Bauman (2001), a modernidade líquida caracteriza-se pela fluidez das relações sociais, pela instabilidade das estruturas e pela incerteza como condição permanente da existência. Nesse cenário, os jovens são desafiados a construir seus projetos de vida em um contexto no qual valores, costumes, identidades e perspectivas de futuro se modificam continuamente, tornando o amanhã cada vez menos previsível. A ideia de que o esforço individual, por si só, garante a realização dos sonhos passa a ser questionada diante de uma realidade em permanente transformação, na qual não existem trajetórias previamente definidas nem garantias de estabilidade.

Diante dessa realidade, queremos discutir esta relação entre a modernidade líquida e a construção do Projeto de Vida do jovem, porque tornou-se imprescindível que as novas gerações desenvolvam a capacidade de compreender criticamente o mundo em que vivem, analisando as condições sociais, políticas, econômicas e culturais que influenciam suas escolhas e possibilidades. Mais do que preparar os jovens para responder às exigências de uma sociedade flexível e em constante mudança, é necessário promover uma formação que lhes permita discernir o que contribui para uma vida digna, para o fortalecimento das relações coletivas e para a construção de uma sociedade mais justa. Nesse contexto, a educação assume um papel fundamental, pois constitui um espaço privilegiado de “[...] busca de sentido e pelo propósito da vida [...]” (Araújo; Arantes; Pinheiro, 2020, p. 7), e de formação humana, capaz de possibilitar aos estudantes a apropriação crítica do conhecimento e o desenvolvimento de condições para compreender, intervir e transformar a realidade em que estão inseridos.

Diante desse contexto, este artigo propõe uma reflexão sobre os impactos da modernidade líquida na formação das novas gerações e sobre o papel da escola frente às transformações que caracterizam a sociedade contemporânea. Para tanto, o texto está organizado em três momentos. Inicialmente, apresenta-se uma discussão sobre a modernidade líquida e as transformações do sujeito, fundamentada, principalmente, nas contribuições de Bauman. Em seguida, analisa-se a relação entre educação e modernidade líquida, problematizando os desafios impostos à escola na formação dos jovens e na construção de seus projetos de vida. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se retomam as principais reflexões desenvolvidas ao longo do artigo, reafirmando a escola como um espaço de formação humana, de responsabilidade com as novas gerações e de abertura para novos inícios, mesmo diante das incertezas que marcam o tempo presente.

A Modernidade Líquida e as Transformações do Sujeito

Na perspectiva de Bauman (2001), o "derretimento dos sólidos" provocou o enfraquecimento de instituições historicamente responsáveis pela organização da vida social, como a família, a escola, o Estado e outras estruturas coletivas. Essa nova configuração da sociedade favoreceu formas mais fluidas de viver e de se relacionar, repercutindo diretamente na formação dos jovens e na construção de seus projetos de vida.

O que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos 'poderes de derretimento' da modernidade. Primeiro, eles afetaram as instituições existentes, as molduras que circunscreviam o domínio das ações-escolhas possíveis,

como os estamentos hereditários com a sua alocação por atribuição, sem chance de apelação (Bauman, 2001, p. 13).

Desde a publicação de *Globalização: as consequências humanas*, Bauman (1999) analisa as profundas transformações que atravessam as sociedades contemporâneas, evidenciando um processo de crescente fluidez das relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Para o autor, a globalização intensifica a mobilidade, a interdependência e a instabilidade que caracterizam a modernidade, revelando que esses processos estão intrinsecamente relacionados e se retroalimentam. Assim, as mudanças não decorrem apenas da expansão da globalização, mas também da forma como ela redefine os modos de viver, de produzir e de estabelecer relações sociais. Como afirma o autor:

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a mobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E no entanto os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais (Bauman, 1999, p. 8).

Ao desenvolver a metáfora da modernidade sólida e da modernidade líquida, Bauman possibilita compreender o comportamento dos sujeitos diante das mudanças promovidas pelos interesses políticos, econômicos, éticos e culturais. Assim Bauman (2001, p. 11) nos diz que: “[...] a situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas, que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e agir”. Conforme destaca, a sociedade líquida caracteriza-se pela instabilidade, pela flexibilidade e pela permanente disposição para a mudança, em oposição às estruturas estáveis que marcaram a modernidade sólida. Nesse sentido, “o derretimento dos sólidos” constitui um dos traços permanentes da modernidade (Bauman, 2001, p. 12), representando uma profunda transformação na organização da vida social e nas formas de relacionamento entre os sujeitos.

Como afirma Bauman (2001), vivemos em tempos marcados por mudanças rápidas e constantes, capazes de transformar a vida individual e coletiva. Novas situações surgem continuamente e, muitas vezes, antes mesmo que as pessoas consigam compreendê-las, adaptar-se a elas ou encontrar respostas, essas circunstâncias já se modificaram novamente, configurando um cenário de incertezas, instabilidade e desafios. Nesse contexto, entende-se que a escola, por constituir-se como uma instituição social, também é atravessada por essas transformações. Afinal, os sujeitos que nela convivem: estudantes, professores, gestores e demais profissionais da educação, que são igualmente constituídos pelas dinâmicas da sociedade contemporânea, levando para o espaço escolar as tensões, os conflitos, as expectativas e as características próprias da denominada modernidade líquida.

Dessa forma, urge pensar o que esses jovens podem esperar para o seu futuro, uma vez que estão vivendo exatamente esse momento de instabilidade e desconstrução dos sólidos.

É pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um ‘projeto de vida’ individual (Bauman, 2007, p. 5).

Segundo Bauman (2001, p. 10), “os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impedindo os movimentos e restringindo as iniciativas”. Essa reflexão evidencia que as transformações sociais não ocorreram apenas no âmbito das instituições, mas também atingiram valores, vínculos e formas de organização da vida coletiva. Muitas dessas mudanças passam despercebidas no cotidiano, justamente porque fazem parte de um processo contínuo de adaptação às novas dinâmicas sociais. Como complementa o autor, “o derretimento dos sólidos levou à progressiva libertação da economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais” (Bauman, 2001, p. 10).

Pensar o futuro em uma sociedade marcada por constantes transformações não é uma tarefa simples. Conceitos, interpretações, formas de compreender a realidade e experiências de vida modificam-se continuamente, acompanhando as mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas. Muitas crenças foram substituídas por outras e, em alguns casos, pela própria ausência de referenciais estáveis.

[...] a responsabilidade em resolver os dilemas gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos — dos quais se espera que sejam ‘free-choosers’ e suportem plenamente as consequências de suas escolhas. Os riscos envolvidos em cada escolha podem ser produzidos por forças que transcendem a compreensão e a capacidade de ação do indivíduo, mas é destino e dever deste pagar o seu preço, pois não há receitas endossadas que, caso fossem adequadamente aprendidas e diligentemente seguidas, poderiam permitir que erros fossem evitados, ou que pudessem ser, em caso de fracasso, consideradas responsáveis (Bauman, 2007, p. 8).

Nesse contexto, a juventude ocupa um lugar central, uma vez que sua maneira de compreender o presente e projetar o futuro está diretamente relacionada às condições históricas e sociais de cada época. Como afirma Bauman (2001, p. 10), “[...] a situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certa ou erradamente, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e agir”.

Os jovens de cada período histórico expressam, por meio de seus comportamentos, valores e modos de vida, os processos sociais característicos de seu tempo. Dessa forma, as diferentes juventudes são constituídas pelas experiências, relações e contextos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos. Comportamentos, escolhas e formas de viver são socialmente construídos e refletem elementos que identificam os grupos aos quais pertencem. Compreender essas especificidades é fundamental para analisar as intencionalidades do Projeto de Vida como componente curricular, uma vez que sua proposta dialoga diretamente com os desafios vivenciados pelas juventudes em uma sociedade marcada pela fluidez, pela incerteza e pelas constantes transformações.

Nesse contexto, propomos discutir a intencionalidade do Projeto de Vida no currículo escolar, à luz das reflexões de Bauman, que destaca:

Acreditamos que estamos escolhendo livremente, mas nossas escolhas são profundamente influenciadas por normas sociais e pelo mercado. O consumo se apresenta como uma expressão de individualidade, mas, na verdade, nos conforma às expectativas impostas por forças externas. Isso não significa que não temos agência, mas que ela é limitada por um ambiente que nos direciona continuamente para certos comportamentos (Bauman; Mânfió, 2025, p. 4).

Diante desse cenário, Bauman nos convida a refletir sobre o que estamos produzindo nas escolas, sobre aquilo que a instituição escolar oferece e sobre o que, de fato, desperta o interesse dos estudantes. Nesse contexto, emerge a seguinte questão: como a escola pode contribuir, de maneira efetiva, para a formação dos jovens no século XXI? Conforme afirmam Bauman e Mânfió (2025, p. 5):

A educação formal, hoje, enfrenta uma crise de relevância. Embora diplomas e certificados desempenhem um papel importante na validação de trajetórias individuais, eles não abarcam plenamente o desenvolvimento de capacidades humanas essenciais, como a adaptabilidade, a criatividade e a sabedoria prática.

À luz do conceito de modernidade líquida, percebe-se a necessidade de problematizar a oferta educacional e o currículo que vem sendo desenvolvido nas escolas, considerando sua capacidade de responder às demandas das juventudes contemporâneas. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que esse currículo é permeado por intencionalidades e discursos que buscam formar sujeitos capazes de se adaptar às constantes transformações dos processos sociais. Nesse sentido, “Bauman ressaltou que a modernidade líquida não é apenas um conceito teórico, mas uma realidade tangível que molda identidades e instituições” (Bauman; Mânfió, 2025, p. 7).

A partir dessas reflexões, propomos analisar o sentido atribuído à construção do Projeto de Vida das juventudes e compreender como esses sujeitos enfrentam os desafios impostos pelo movimento contínuo e instável da modernidade líquida. Busca-se, assim, refletir sobre o papel

do Projeto de Vida na formação dos jovens em um contexto marcado pela fluidez das relações, das identidades e das perspectivas de futuro.

A Educação e a Modernidade Líquida

Nas últimas décadas, intensificou-se o foco na juventude e no papel da escola na formação desses jovens. Desde a realização do Primeiro Congresso Internacional da Juventude, em 1936, promovido pela Federação Internacional das Sociedades da Liga das Nações, com o objetivo de fortalecer o diálogo e a cooperação entre jovens de diferentes países, observa-se um crescente incentivo à participação juvenil nas ações sociais e políticas. A forma como os jovens percebem a vida, constroem seus projetos e se relacionam com o mundo tornou-se objeto de atenção de organismos internacionais e de políticas públicas educacionais. É a formação do jovem diante da modernidade líquida, “que exacerba a incerteza. Vivemos em um mundo onde nada parece permanente, e isso inclui valores éticos” (Bauman; Mânfió, 2025, p. 5).

Esses desafios de construção de uma sociedade ética no mundo tão fluído indiretamente estão inseridos no currículo escolar do componente “Projeto de Vida”. Identidade: autoconhecimento, autoconfiança e autodeterminação; Valores: convivência, respeito e diálogo; Responsabilidade social; Competências para o século XXI são conceitos que fazem parte da Ementa de Projeto de Vida da Secretaria de Estado da Educação do Espírito (SEDU) no ano de 2024.

7

Assim, nos remetemos ao que diz Porcheddu (2009, p. 662):

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vóo as novas e ainda desconhecidas oportunidades.

O currículo de Projeto de Vida, ao propor o desenvolvimento de habilidades relacionadas à iniciativa, à criatividade, à autonomia e ao planejamento do futuro, confronta-se com as características da modernidade líquida e com os comportamentos dos sujeitos, especialmente dos jovens, que representam esse momento histórico. Em um contexto marcado pela instabilidade, pela fluidez das relações e pela constante transformação das experiências sociais, emerge a necessidade de refletir sobre como o Projeto de Vida pode contribuir para a construção de perspectivas de futuro sem desconsiderar as incertezas que caracterizam a contemporaneidade.

Na fase ‘líquida’ da modernidade, a demanda por funções de gestão convencionais se esgota rapidamente. A dominação pode ser obtida e garantida com um dispêndio de

energia, tempo e dinheiro muito menor: com a ameaça do descompromisso, ou da recusa do compromisso, mais do que com um controle ou uma vigilância inoportunos. A ameaça do descompromisso arrasta o *onus probandi* para o outro lado dominado (Porcheddu, 2009, p. 666).

Nesse cenário, princípios educativos como os quatro pilares da educação propostos pela UNESCO, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, passaram a orientar as propostas pedagógicas. Associados aos princípios do protagonismo juvenil, da pedagogia da presença e da educação interdimensional, esses fundamentos foram incorporados às ações educativas das escolas.

Esse movimento, fortemente influenciado pelas políticas neoliberais difundidas por organismos internacionais, como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas (ONU), tem impactado significativamente a educação brasileira. Um dos principais focos dessas políticas é a juventude, uma vez que, segundo dados do Instituto dos Jones dos Santos Neves (Espírito Santo, 2025, p 4), o Brasil possui aproximadamente 48 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, o que corresponde a cerca de 25% da população nacional. Trata-se, portanto, de um grupo estratégico para a formação da força de trabalho e para o desenvolvimento econômico do país.

O incentivo à construção do Projeto de Vida pode ser compreendido como uma das estratégias educacionais voltadas a minimizar os efeitos da instabilidade característica da sociedade contemporânea, buscando oferecer aos jovens instrumentos para refletirem sobre suas escolhas, seus objetivos e suas perspectivas de futuro. Entretanto, essa proposta se desenvolve em um contexto marcado pela fluidez das relações sociais e pela dificuldade de projetar o longo prazo, uma vez que, como observa Bauman (2007, p. 7), há o "[...] colapso do pensamento, do planejamento e da ação a longo prazo, e o desaparecimento ou enfraquecimento das estruturas sociais nas quais estes poderiam ser traçados com antecedência [...]".

Nesse sentido, a motivação em relação a construção do Projeto de Vida, pode ser vista como uma ferramenta para os jovens se adaptarem ao a uma sociedade, na qual está cada vez mais individualizada, competitiva e incerta. Entretanto, essa proposta também revela a tensão entre uma educação voltada para a adaptação às exigências do mundo do trabalho e outra comprometida com a formação humana e cidadã.

Podemos afirmar que somente observar os planos traçados para essa nova sociedade é tornar-se um espectador da própria catástrofe, porque sabe-se que esse mundo de transformações passageiras e desapegadas, de alguma forma, impacta o modo de vida e a percepção do sujeito, principalmente daqueles que ainda estão em processo de formação. Mesmo

os causadores dessa transformação e desse modo de vida não sabem totalmente como isso acabará ou como será a nova geração que está sendo formada, por isso temos que pensar sobre como se posicionar diante do que está acontecendo e do que está por vir.

No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vôo as novas e ainda desconhecidas oportunidades (Porcheddu, 2009, p. 662).

É nesse contexto que surge o componente curricular Projeto de Vida, incorporado à matriz curricular das escolas públicas de tempo integral do Espírito Santo desde 2015 e de diversos outros sistemas de ensino do Brasil. Sua implementação está relacionada ao novo formato do Ensino Médio, última etapa da Educação Básica, às transformações educacionais ocorridas nas últimas décadas e à crescente influência de concepções gerenciais e empresariais na educação. A partir dessa perspectiva, o Projeto de Vida busca desenvolver nos estudantes competências relacionadas ao autoconhecimento, ao planejamento e à construção de objetivos pessoais e profissionais.

Na proposta curricular do Espírito Santo, um dos objetivos do componente é enfatizar a construção do Projeto de Vida dos estudantes, promovendo discussões sobre sonhos, metas e planejamento, bem como a reflexão sobre caminhos possíveis para a realização de seus objetivos. Conforme a Ementa Curricular da Secretaria de Estado da Educação (Espírito Santo, 2026), pretende-se “[...] discutir acerca dos sonhos e planejamentos, revisando o conceito e a importância da construção do Projeto de Vida, bem como projetar e traçar caminhos para o alcance dos objetivos de vida”.

Entretanto, propomos problematizar essa perspectiva que incentiva os estudantes a planejarem seu futuro e a construírem expectativas de longo prazo, confrontando-a com o conceito de modernidade líquida desenvolvido por Zygmunt Bauman. Para iniciar essa reflexão, tomamos como referência a entrevista concedida por Bauman a Alba Porcheddu, publicada sob o título “*Os Desafios da Educação: aprender a caminhar sobre as areias movediças*” (2009). Porque é assim que muitos educadores se sentem nas salas de aula. As escolas, que antes eram um espaço com objetivos claros, nos quais os professores desenvolviam suas ações docentes, atualmente tornaram-se um espaço de constantes transformações e desafios, porque os estudantes, principalmente os jovens, não possuem mais a solidez que foi estabelecida pelas revoluções da modernidade. Na pós-modernidade, foram delineadas outras formas de comportamentos e julgamentos.

Pensar a condição das juventudes diante da modernidade líquida implica compreender como os jovens assimilam esse modo de viver e de pensar como algo naturalizado. Para muitos deles, a fluidez das relações, a transitoriedade dos vínculos e as constantes transformações sociais constituem a própria realidade em que nasceram e se desenvolveram. Por essa razão, frequentemente não dispõem de referenciais que lhes permitam conceber formas distintas de organização da vida social. Nesse contexto, a escola, como instituição inserida e constituída pela própria sociedade, também vivencia essas transformações. Ao mesmo tempo em que é influenciada pela lógica da modernidade líquida, busca preservar valores, princípios e referências oriundos das estruturas mais sólidas da vida social, procurando conciliá-los com as demandas e os desafios da contemporaneidade. Fica uma pergunta: como construir uma formação para o jovem diante de uma sociedade líquida que “[...] se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘auto-evidentes’”, (Pallares-Burke, 2003, p. 2).

Bauman dedicou grande parte de sua obra à análise da sociedade contemporânea e utilizou a expressão "modernidade líquida" para caracterizar a condição da vida social na pós-modernidade. Ao empregar a metáfora da liquidez, o autor procurou evidenciar uma sociedade marcada pela flexibilidade, volatilidade e constante transformação. Nessa perspectiva, as estruturas sociais deixaram de apresentar a estabilidade que caracterizava períodos anteriores, tornando-se fluidas e sujeitas a mudanças rápidas e imprevisíveis.

10

Com a modernidade, a natureza humana — anteriormente considerada estável, permanente, dada, fixa e segura — tornou-se uma tarefa obrigatória, uma construção contínua; cada vez mais desvinculada dos pontos de referência coletivos que outrora forneciam um roteiro para a ação. Nas palavras de Bauman, a predestinação do destino humano — tão intrínseca à cosmovisão das sociedades pré-modernas — foi substituída pelo ‘projeto de vida’; o destino deu lugar à vocação, e a natureza humana — outrora preconcebida — transformou-se em uma identidade que agora precisa ser construída. É precisamente essa natureza inacabada da identidade — e, em particular, a responsabilidade de completá-la e construí-la — que está inextricavelmente ligada a todos os aspectos da sociedade moderna. Pois, independentemente de como o sujeito seja abordado pelos muitos e variados autores que o discutem — seja como um problema ou simplesmente como um elemento de análise empírica — a identidade não é mais uma questão confinada à esfera privada da ação humana, muito menos uma preocupação subjetiva irrelevante (González, 2007, p. 182, tradução nossa).

Para compreender o conceito de modernidade líquida, é necessário considerar, inicialmente, a ideia de modernidade sólida, também desenvolvida por Bauman. Essa fase corresponde ao período histórico em que instituições, normas e valores sociais apresentavam maior estabilidade e permanência. Construída ao longo dos séculos, especialmente a partir das

transformações iniciadas no século XV e consolidadas pelas revoluções políticas, econômicas e industriais, a modernidade sólida estabeleceu padrões relativamente rígidos de comportamento e estilos de vida que foram reproduzidos por gerações. A sociedade líquida rompeu com obrigações tradicionais e deu vazão ao individualismo e aos valores subjetivos, assim caracterizando-se como uma sociedade da “[...] precariedade e incerteza [...]”, uma vez que “[...] o que era certo ontem, hoje não é mais [...]”, (Cugini, 2008, p.161 e 162). Nisso, a precariedade não abarcou somente o lado cultural, mas também os modos de vida do sujeito.

Contudo, com as profundas mudanças ocorridas nas últimas décadas, esses padrões sólidos foram gradualmente substituídos por relações mais flexíveis, instáveis e transitórias. Foi diante desse cenário que Bauman formulou o conceito de modernidade líquida, destacando que as relações sociais, os projetos individuais, as identidades e as instituições passaram a ser marcados pela incerteza e pela constante necessidade de adaptação. Assim, a forma como os indivíduos se relaciona com o trabalho, a educação, os vínculos afetivos e os projetos para o futuro passaram a refletir essa condição de fluidez característica da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, podemos pensar que o componente curricular Projeto de Vida, que tem esse peso na responsabilidade de preparar o jovem para o futuro incerto e flutuante, está em favor da adaptação dos jovens à sociedade precária. “Esta vida precária, sem nenhum tipo de segurança, que obriga as pessoas a mudar continuamente de situações, é o novo estilo de vida da sociedade” (Cugini, 2008, p.162).

11

O próprio processo de individualização — característico da modernidade — também encerra a ideia da emancipação do indivíduo em relação à determinação atribuída, herdada ou inata de seu caráter social, deixando-o aberto à aventura e à autorrealização individual. Para o autor, o processo de individualização que acompanha a modernidade é nada menos que a consequência da libertação humana de destinos sociais, confrontando o indivíduo com a tarefa árdua e solitária de construir uma nova identidade humana — juntamente com as responsabilidades e consequências inerentes à sua concretização. Assim, a modernidade substitui a predeterminação de uma posição social por uma forma de autodeterminação que é, ao mesmo tempo, compulsória e obrigatória (González, 2007, p. 183, tradução nossa).

Assim, podemos problematizar, como o jovem pode ser preparado para o futuro, “numa sociedade que acredita na eternidade para uma que vive a infinitude” (Cugini, 2008, p.162)? Orientando o leitor, informamos que a eternidade é um conceito que não possui mais espaço na sociedade pós-moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer o conceito de modernidade líquida nos alerta para a necessidade de repensar o papel da educação na contemporaneidade. Nesse sentido, Bauman e Mânfió (2025, p. 7)

afirmam que essa perspectiva "[...] reforça a relevância de pensar a educação como um espaço de resistência e transformação, onde o pensamento crítico deve ser cultivado para enfrentar a complexidade do mundo contemporâneo". Conforme destacam os autores, é necessário refletir sobre nossas práticas pedagógicas e abordagens educativas, buscando formas de contribuir para a formação dos sujeitos de maneira que lhes possibilite compreender, interpretar e atuar criticamente na sociedade líquida.

Analisar as reflexões de Bauman não significa olhar para a formação das juventudes e para essa nova configuração da sociedade com pessimismo ou desânimo. Ao contrário, significa reconhecer que profundas transformações estão em curso e que elas precisam ser compreendidas para fundamentar práticas educativas mais eficazes na formação humana. Trata-se de uma formação pautada, sobretudo, em princípios éticos que não podem ser abandonados, mesmo em um contexto marcado pela instabilidade e pela fluidez, no qual caminhamos sobre "[...] areias movediças [...]", (Porcheddu, 2009, p. 661).

Nas palavras de Bauman, a predestinação do destino humano — tão intrínseca à cosmovisão das sociedades pré-modernas — foi substituída pelo projeto de vida; o destino deu lugar à vocação, e a natureza humana — outrorapreconcebida — transformou-se em uma identidade que agora deve ser construída. É precisamente essa natureza incompleta da identidade — e, sobretudo, a responsabilidade de completá-la e construí-la — que está inextricavelmente ligada a todos os aspectos da sociedade moderna. Pois, independentemente de como a questão tenha sido abordada por tantos autores diversos — seja como um problema ou simplesmente como mais um elemento de análise empírica —, a identidade já não é uma questão confinada à esfera privada da ação humana, muito menos uma preocupação subjetiva irrelevante (González, 2007, p. 181, tradução nossa).

Nesse cenário, o desafio da escola ao propor a construção do Projeto de Vida torna-se ainda mais complexo. Muitos jovens, além de vivenciarem as incertezas próprias da sociedade líquida, enfrentam condições de vulnerabilidade socioeconômica. Ao tratarmos da realidade da maioria dos estudantes das escolas públicas brasileiras, estamos diante de múltiplos fatores que influenciam diretamente suas escolhas, oportunidades e perspectivas de futuro. Será que essa proposta de construção do Projeto de Vida individual, não causa “[...] a precariedade da solitária construção das identidades individuais e a precariedade solitária da construção da identidade [...]?” (Bauman, 2003, p. 21). Assim, pensar o Projeto de Vida exige considerar não apenas as aspirações individuais dos estudantes, mas também as condições sociais, econômicas e culturais que permeiam suas trajetórias e interferem na construção de seus projetos de existência.

Por fim, este texto não tem a pretensão de oferecer respostas definitivas, mas de promover uma reflexão que contribua para a compreensão dos sentidos das transformações sociais e subjetivas ocorridas ao longo do tempo. Em uma sociedade marcada pela fluidez e pelas

constantes mudanças, as respostas construídas no presente podem não ser suficientes para explicar os desafios do futuro. Assim, diante da natureza dinâmica da modernidade líquida, seria imprudente formular conclusões definitivas sobre processos que permanecem em permanente transformação.

Finalizamos este artigo não com respostas prontas, mas com inquietações e reflexões acerca do papel da educação, dos educadores e da escola na formação das novas gerações em uma sociedade marcada pela fluidez, pela instabilidade e pelo crescente fortalecimento do individualismo. Vivemos um contexto em que as relações coletivas são, muitas vezes, enfraquecidas em favor de interesses particulares, incentivando os sujeitos a "[...] se concentrarem na sua sobrevivência individual ao estilo 'cada um por si e Deus por todos', num mundo incuravelmente fragmentado e atomizado e, portanto, cada vez mais incerto e imprevisível" (Bauman, 2007, p. 17).

Nesse cenário, cabe questionar como a escola, enquanto instituição que reflete as transformações da sociedade e, ao mesmo tempo, tem a responsabilidade de apresentar às novas gerações o patrimônio cultural, científico e histórico produzido pela humanidade (Arendt, 2007), pode contribuir para a formação de sujeitos capazes de viver em uma sociedade flexível e mutável sem abrir mão dos valores da coletividade, da solidariedade e da cidadania. Mais do que preparar os jovens para responder às exigências do presente, a escola precisa criar condições para que eles compreendam criticamente a realidade, construam novos significados para o mundo e atuem como protagonistas de sua transformação.

Considerando que o futuro da sociedade depende das novas gerações, torna-se imprescindível investir em processos educativos comprometidos com a formação integral dos jovens que se constituem em meio às dinâmicas da modernidade líquida. Mais do que prepará-los para enfrentar um mundo marcado pela incerteza, pela fluidez e pelas constantes transformações, é necessário possibilitar-lhes a construção de "projetos de vida significativos para si e para a sociedade, pautados em princípios de ética e cidadania" (Araújo; Arantes; Pinheiro, 2020, p. 9).

Embora, na perspectiva de Bauman (2001), os projetos, as relações e as próprias identidades estejam sujeitas a permanentes mudanças, a educação continua sendo um espaço privilegiado para fortalecer valores como a solidariedade, o compromisso com o outro, a responsabilidade coletiva e a participação cidadã. Talvez esses sejam os "sólidos" que ainda podem ser preservados e ressignificados, permitindo que as novas gerações construam percursos

de vida mais humanos, críticos e socialmente comprometido. Em uma sociedade líquida, em que tudo parece provisório, a escola continua sendo uma das possibilidades de oferecer tempo, conhecimento e formação para que os jovens compreendam o mundo e construam projetos de vida significativos.

Assim, permanecemos com a convicção de que a escola continua sendo um dos poucos espaços em que é possível promover encontros, diálogos, experiências compartilhadas e novos inícios. Em consonância com Hannah Arendt (2007), educar significa assumir a responsabilidade pelo mundo e por aqueles que nele chegam. Defender a escola, portanto, é defender a possibilidade de que cada nova geração encontre, no conhecimento e na convivência com o outro, as condições necessárias para renovar o mundo, sem perder de vista a dimensão humana da educação e o compromisso com a construção de uma sociedade mais democrática, justa e solidária.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses F. ARANTES, Valéria, PINHEIRO, Viviane. **Projetos de Vida:** fundamentos psicológicos, éticos e práticas educacionais. 1. Ed. São Paulo: Summus, 2020.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e Futuro.** Tradução Mauro W. Barbosa. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. MÂNPIO, João Nicodemos Martins. No dia em que encontrei Zygmunt Bauman: lições sobre modernidade líquida, educação e humanidade. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 20, e24574, p. 1-9, 2025. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/praxeduc/v20/1809-4309-praxis-20-e24574.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2026.

_____. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Globalização:** as consequências humanas. Tradução Marcos Pechel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Tempos Líquidos.** Tradução Carlo Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CUGINI, Paolo. Identidade, Afetividade e a Mudanças Relacionais na Modernidade Líquida na Teoria de Zygmund Bauman. **Diálogos Possíveis** – Janeiro/junho, 2008. Disponível em: <https://revista.grupofaveni.com.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/273/266>, Acesso em: 26 jun. 2026.

ESPÍRITO SANTO. **Boletim Juventudes.** Disponível:
<https://ijsn.es.gov.br/Media/IJSN/PublicacoesAnexos/boletins/Juventudes/Boletim%20Juventudes%20VF.pdf>. Acesso: jul. 2026.

_____. **Currículo do Espírito Santo** 2026. Disponível:
<https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/orientacoescurriculares/>. Acesso em: 10 jul. 2026.

GONZÁLEZ, Noé. Bauman, identidad y comunidad. Espiral, **Estudios sobre Estado y Sociedad** Vol. XIV No. 40 T Septiembre / Diciembre de 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.org.mx/pdf/espiral/v14n40/v14n40a7.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2026.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A Sociedade Líquida. **Caderno Mais! FSP** - São Paulo Out 19, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/19361998/A_sociedade_liquida. Acesso em: 10 abr. 2026.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. D jul. 2026. **esafios pedagógicos e modernidade líquida**. Tradução: Neide Luzia de Rezende e Marcello Bulgarelli. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.137, p.661-684, maio/ago. 2009. Disponível:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/cp/v39n137/v39n137a16.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2026.